

PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DA ÁREA DA SAÚDE SOBRE EPILEPSIA

Carmem Lúcia de Arroxelas Silva¹; Pedro Augusto Tiburcio Paulino²; Gabriele Fernanda da Conceição Santos³; Thayuanne Silva de Melo⁴; Daniel Leite Góes Gitai⁵

*Universidade Federal de Alagoas
carmemarroxelas@hotmail.com, danielgitai@gmail.com*

Resumo: As antigas civilizações relacionavam epilepsia com possessões demoníacas, divinas ou até mesmo a doenças contagiosas, porém ao passar dos anos o cérebro foi visto como o responsável por causar essa condição e hoje sabe-se que epilepsia é uma doença neurológica caracterizada pela ocorrência de crises epiléticas espontâneas e recorrentes causada pela hiperexcitabilidade neural de forma sincrônica. Porém, apesar das descobertas feitas até os dias atuais, ainda existem preconceitos com pessoas portadoras de epilepsia. Assim, os profissionais da saúde são importantes para a disseminação de conhecimento sobre doenças para a população leiga, portanto, essa pesquisa avaliou o conhecimento sobre epilepsia de alunos dos cursos de graduação da saúde. Os alunos dos cursos de medicina e farmácia apresentaram melhor conhecimentos sobre conceitos de epilepsia, a maioria dos participantes sabe que convulsão não é a mesma coisa que epilepsia e quais são os procedimentos de primeiros socorros para ajudar durante a ocorrência de uma crise, além disso, a maioria dos participantes acha que ter epilepsia influencia nas atividades diárias. Sendo assim, torna-se importante a disseminação de conhecimento correto aos alunos dos cursos da saúde sobre doenças, pois eles serão disseminadores de conhecimento na vida profissional. Portanto, é importante que a Universidade como instituição formadora de profissionais, realize atividades acadêmicas que promovam uma maior integração entre os cursos da área da saúde para que haja divulgação do conhecimento de modo multidisciplinar, propiciando assim, um espaço de discussões, conscientização e aprendizado sobre educação em saúde para a comunidade interna e externa.

Palavras-chave: universitários, conhecimento, doença neurológica.

INTRODUÇÃO

Epilepsia deriva do grego *epilambanein*, que significa ser atacado, dominado ou possuído. As antigas civilizações associavam a epilepsia a possessões demoníacas, divinas, doenças contagiosas e a loucura. (LYONS; PETRUCCELLI, 1987). Essas crenças estiveram presentes nos povos Babilônicos, entre os Egípcios, Gregos, Romanos, na Idade Média até meados do século XIX (FATOVIC-FERENCIC; DURRIGL, 2001).

O primeiro registro de um possível caso de pessoa com epilepsia encontra-se escrito em linguagem Acadiana, usada na região da Mesopotâmia por volta de 2000 a.C., cujo autor descreveu a sintomatologia do paciente semelhante ao de uma convulsão epiléptica “(...) o seu pescoço vira para a esquerda, as suas mãos e pés encontram-se tensos e os seus olhos arregalados, a sua boca está a espumar e este encontra-se inconsciente” (MAGIORKINIS et al, 2010).

A epilepsia, na Grécia Antiga, era associada a possessões divinas e os portadores eram colocados em templos, vistos como sacerdotes, acreditava-se que quando uma pessoa tinha uma convulsão ela era tocada por deuses. Na Roma antiga, era uma doença contagiosa na qual se considerava a pessoa impura. Na Idade Média, era considerada *momorbusdemoniacus* (doença do demônio), as pessoas portadoras de epilepsia eram segregadas da igreja, não podendo participar da eucaristia para que não contagiassem ou profanassem o copo e o prato da comunhão (YACUBIAN, 2000).

Nesse período, alguns médicos suspeitavam que a contaminação ocorria por meio da respiração e essa crença prevaleceu ainda no início do século XX, quando se preconizou a vacinação para erradicação de um microrganismo o qual seria o agente da epilepsia, *Bacillus epilepticus* (YACUBIAN, 2000). Porém, Hipócrates foi o primeiro a afirmar que a epilepsia não tinha uma origem divina, sagrada ou demoníaca, mas que o cérebro era responsável por essa doença. Muitos anos depois, Galeno, além de afirmar que se tratava de uma doença do cérebro, separou as epilepsias em dois tipos: as de causas desconhecidas e as que eram resultado de outras doenças (DREIFUSS, 1996).

Apesar das afirmações de Hipócrates e Galeno, as crenças em torno da epilepsia como possessão, maldição ou castigo perpetuaram por muito tempo. Durante o século XIX, houve um desenvolvimento científico das ciências médicas nos diferentes domínios da Anatomia, Fisiologia, Patologia, Terapêutica e Cirurgia (WEISZ, 2003), além disso, a Neurologia foi elevada a nova ciência, separada da Psiquiatria (SIDIROPOULOU et al, 2010). Durante este período, vários estudiosos propuseram hipóteses e teorias para esclarecer os mecanismos envolvidos na epilepsia (MAGIORKINIS et al, 2011).

Assim, sabe-se hoje que epilepsia é uma doença neurológica caracterizada pela ocorrência de crises epilépticas recorrentes e espontâneas, decorrentes de atividade neuronal excessiva, anormal e hipersincrônica (McNAMARA, 1999).

Entretanto, mesmo diante de tantos avanços no que se refere aos aspectos médicos, a epilepsia, devido sua história de conflito entre o sobrenatural e o natural, ainda é refém de preconceitos e estigmas (MOREIRA, 2004). Esses conhecimentos baseados em crenças e mitos sobre epilepsia podem fazer com que a autoestima do paciente portador de epilepsia seja reduzida, causando dificuldades no relacionamento social devido a privação em participações de atividades sociais, culturais e físicas (STEINHOFF et al, 1996). Neste cenário, o âmbito universitário é essencial para a disseminação do conhecimento científico para a sociedade devido suas ações indissociáveis entre ensino, pesquisa e extensão.

Segundo Ferreira e colaboradores (2016) a promoção do ensino, pesquisa e extensão promove a intervenção social devido à assistência junto à comunidade devido ao envolvimento da gestão da Instituição de Ensino Superior, dos docentes e discentes, e da comunidade, promovendo, assim, comunicação entre universidade e sociedade e uma melhor formação profissional dos alunos, pois se reconhecem como sujeitos importantes na transformação social.

De fato, os estudantes universitários representam um grupo da sociedade que detém conhecimento que contribuirá para o crescimento do país (HASSONA et al, 2014). Portanto, é importante que alunos do ensino superior, principalmente, os da área da saúde tenham um entendimento correto do que é epilepsia, já que serão profissionais importantes na disseminação de conhecimento para a sociedade (FONSECA et al, 2004). Sendo assim, a presente pesquisa teve por objetivo verificar o conhecimento sobre epilepsia de alunos da graduação dos cursos da Saúde da Universidade Federal de Alagoas.

METODOLOGIA

O presente estudo corresponde à uma pesquisa de caráter descritiva quali-quantitativa baseada no método *survey* realizada pelo Grupo de Pesquisa em Epilepsia Clínica e Experimental do Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde (ICBS) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) cujo público alvo foram alunos dos cursos de biologia, educação física, enfermagem, farmácia, medicina, nutrição e odontologia.

Vale ressaltar que a pesquisa com metodologia *survey* corresponde à obtenção de dados ou informações sobre características ou opiniões do público-alvo, participantes não identificados garantindo, portanto, o sigilo, e tendo como principal recurso o uso de questionários como instrumento de pesquisa (FONSECA, 2002).

Na investigação das percepções acerca da epilepsia na visão de universitários, foi disponibilizado um formulário *online* (criado na plataforma *Google Forms*) contendo questões abertas e de múltipla escolha sobre epilepsia. O formulário ficou disponível por um período entre abril e maio (45 dias) no ano de 2018.

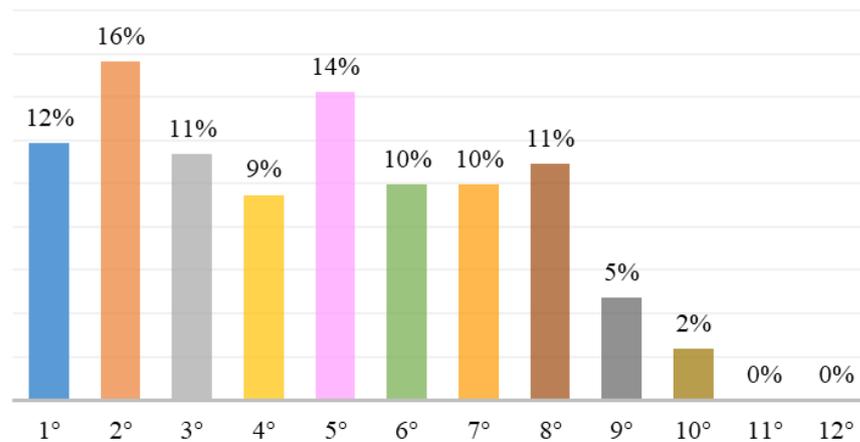
Após a obtenção das informações a percepção dos discentes foram analisadas e, posteriormente, foi realizada a análise quantitativa aplicando determinações estatísticas, visando obter a frequência relativa (percentagem) sendo estas comparadas entre os cursos com objetivo de verificar se houve grande variação de percepção e se de alguma forma é influenciada pelo curso de graduação em que o aluno se encontra.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram da pesquisa 211 participantes, sendo eles alunos dos cursos da Biologia (25%), Educação Física (3%), Enfermagem (12%), Farmácia (26%), Medicina (22%), Nutrição (6%) e Odontologia (7%). Podemos sugerir que o mínimo de participantes obtidos nos cursos de educação física, nutrição e odontologia pode ter ocorrido por serem cursos correspondentes a outros prédios/unidades, além disso alguns alunos relataram estar em semanas de provas e atividades avaliativas não tendo, assim, tempo para responder ao questionário. A formação acadêmica dos alunos dos cursos da área de saúde possibilita um grande conhecimento acerca de diversas patologias, entretanto o acesso a esses alunos pode ser dificultado por fatores como tempo e localidade do curso. A maioria dos participantes foram do sexo feminino (73%), quantitativo esse já esperado devido ao perfil dos cursos da saúde da UFAL possuem mais alunas que alunos.

Na UFAL, os anos letivos são divididos em períodos, portanto, em relação ao período cursado pelos alunos, a figura 1 mostra que a maioria dos participantes estavam no 2º e 5º período do curso, sendo que não tivemos participantes do 11º e 12º período. Esse dado revela o grau de conhecimento dos alunos de acordo com o curso e seu período letivo sobre conhecimentos referentes à epilepsia.

Figura 1 - Total de participantes por período.



Quando questionados sobre o que eles entendiam por epilepsia, verificou-se que alunos dos cursos de farmácia e medicina foram os que responderam de forma mais completa a definição de epilepsia utilizando termos mais apropriados quanto aos aspectos fisiológicos envolvidos nos mecanismos da epilepsia. Já os alunos dos demais cursos responderam de modo bem superficial. Porém, foi possível observar que todos os alunos participantes tinham o conhecimento de que a epilepsia é uma doença neurológica, mostrando assim que os alunos dos cursos da saúde da UFAL não apresentam conhecimentos baseados em crenças e mitos sobre epilepsia.

Ainda com base nessa pergunta, realizou-se uma comparação entre as respostas nos períodos iniciais e nos finais, a fim de verificar se os alunos dos últimos períodos tinham mais conhecimentos do que os alunos dos períodos iniciais e conforme suas respostas, observou-se que os alunos da medicina e farmácia não apresentaram diferença no conhecimento do conceito de epilepsia, reafirmando que os alunos de ambos os cursos apresentam conhecimento diferenciado em relação aos demais. A tabela 2 mostra alguns comentários dos alunos.

Tabela 2 - Comentários de participantes dos primeiros períodos e de períodos finais.

Curso	Período	Comentário
Biologia	1	<i>“Um transtorno mental, ocasionando distúrbios comportamentais como a salivação excessiva, perda da coordenação motora onde a pessoa cai no chão ou onde estiver e fica tremendo, a língua enrola, uma perda de consciência momentânea.”</i>
	10	<i>“Uma doença crônica onde o doente tem crises recorrentes de convulsão”</i>
Educação Física	1	<i>“Uma doença que afeta o cérebro, causando convulsões”</i>
	10	<i>“Uma perturbação na atividade do cérebro”</i>
Enfermagem	1	<i>“É algum "problema mental", no cérebro. Tem por consequência a convulsão”</i>
	8	<i>“Doença neurológica, caracterizada por problemas nas sinapses neuronais”</i>
Farmácia	2	<i>“Patologia que acomete o sistema nervoso central e que consiste em um problema caracterizado pela atividade exacerbada das células nervosas, o qual acarreta em diversos problemas na vida social e psíquica do portador desta doença”</i>
	7	<i>“Epilepsia seria uma série de sinapses excessivas e desordenadas que acometem o cérebro, causando quadros de convulsão entre outros”</i>
Medicina	1	<i>Condição de indivíduos por motivos genéticos que leva a predisposição a convulsões, crises de ausência, etc</i>
	10	<i>“São descargas cerebrais anormais e recorrentes que geram crises convulsivas”</i>
Nutrição	2	<i>“Distúrbio neurológico”</i>
	9	<i>“Doença que causa convulsões e/ou desmaios”.</i>
Odontologia	1	<i>“Uma alteração nas células nervosas, que causa convulsões nos indivíduos”</i>
	6	<i>“Uma doença que perturba as atividades do sistema nervoso (células nervosas)”</i>

De fato, a epilepsia é uma doença neurológica crônica causada por diversas etiologias como genética, estruturais e ainda de causas indefinidas e é caracterizada pela ocorrência de crises epiléticas recorrentes não provocadas (ENGEL, 2008). A epilepsia apresenta consequências neurobiológicas, cognitivas, psicológicas e sociais que podem levar a prejuízo na qualidade de vida do indivíduo afetado (FISHER et al, 2005).

Quando questionados se os alunos conseguem distinguir os termos convulsão e epilepsia, observou-se que 12% dos participantes acreditam que a epilepsia e convulsão são a mesma coisa, como podemos ver na figura 4.

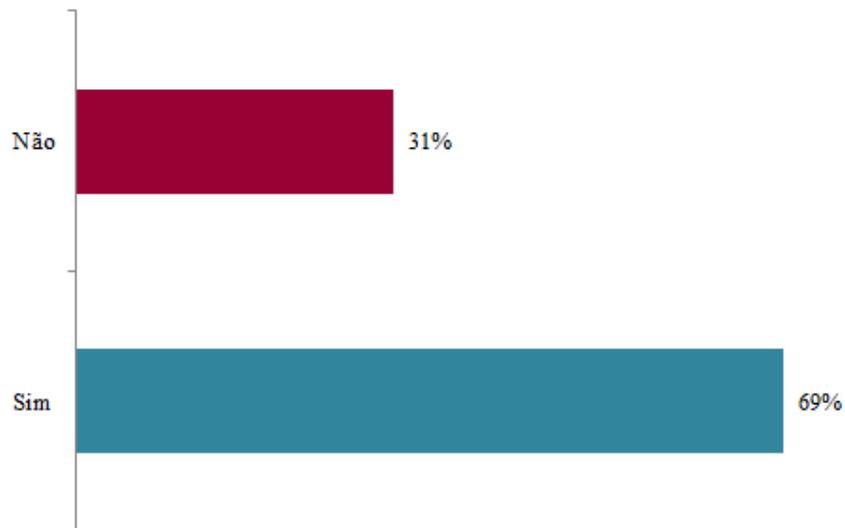
Figura 4 - Total de participantes que acham que epilepsia e convulsão são sinônimos.



Guerreiro e colaboradores (1992) afirmam que as convulsões não devem ser confundidas com epilepsia. Segundo a atualização da ILAE (*International League Against Epilepsy*) de 2017 sobre Classificação Operacional dos Tipos de Crises Epiléticas informa que “convulsão é um termo popular, ambíguo e não oficial, usado para significar atividade motora substancial durante uma crise. A palavra “convulsão” não faz parte da classificação de crises de 2017, mas sem dúvida persistirá no uso popular”.

Na figura 5, por sua vez, podemos observar que a maioria dos participantes acham que os pacientes portadores de epilepsia apresentam dificuldades em suas atividades do dia a dia.

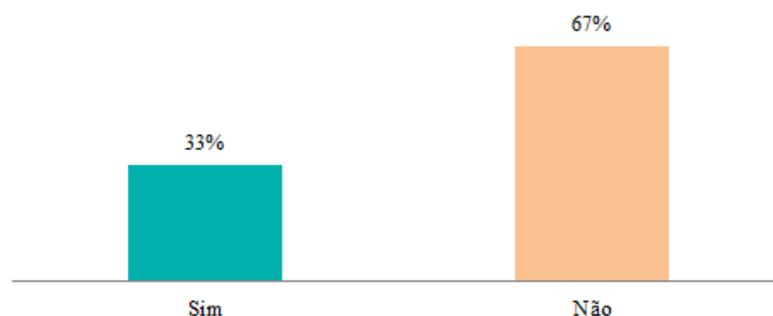
Figura 5 - Total de participantes que acham que epilepsia influencia na realização das atividades diárias.



Gomes (2009) afirma que ter epilepsia pode influenciar nas atividades profissionais que podem interferir na escolha de uma profissão devido, principalmente, ao risco de vida para si ou terceiro ou risco de agravamento da doença pela permanência no trabalho. Segundo Elliott e colaboradores (2009) fatores como autoestima, independência, dificuldades para dirigir, medo de ter um emprego são situações presentes no dia a dia do paciente com epilepsia que influenciam na sua qualidade de vida.

Por fim, 33% dos participantes informaram que não conhecem os procedimentos para ajudar uma pessoa no momento em que ela estiver apresentando uma convulsão conforme representado na figura 6.

Figura 6 - Total de participantes que conhecem os procedimentos de ajudar uma pessoa que esteja apresentando uma convulsão.



Honjoya e Ribeiro (2017) sugerem que é necessário existir programas de treinamento em primeiros socorros nas escolas desde o ensino fundamental, pois desse modo a população teria habilidades em realizar corretamente os atendimentos de saúde e prestar a ajuda necessária durante a espera na chegada do serviço especializado.

Vale ressaltar que segundo a ABE (Associação Brasileira de Epilepsia) ao prestar socorro a uma pessoa que esteja tendo crise convulsiva é necessário acomodar o indivíduo em local sem objetos dos quais ela pode se debater e se machucar, posicionar o indivíduo de lado de forma que o excesso de saliva ou vômito, afrouxar um pouco as roupas para que a pessoa respire melhor; se a duração da crise convulsiva for maior que 5 minutos sem sinais de melhora, solicitar ajuda médica.

CONCLUSÃO

Torna-se necessário a que a Universidade como instituição formadora de profissionais, por meio de suas Pró-Reitorias Estudantil, de Pesquisa e de Extensão, estimule as unidades de ensino a realizar atividades acadêmicas que promovam uma maior integração entre os cursos da área da saúde para haja divulgação do conhecimento de modo multidisciplinar propiciando, assim, em um espaço de discussões, conscientização e aprendizado sobre educação em saúde para a comunidade interna e externa.

REFERÊNCIAS

ENGEL, J. P. T. JR. **Epilepsy: a comprehensive textbook**. 2008; 1-13.

DREIFUSS, F.E. **O que é a epilepsia**. In REISNER, Helen (org.). **Crianças com epilepsia**. Campinas: Papyrus Editora, 1996.

ELLIOTT, J. O.; LU, B.; SHNEKER, B.; CHARYTON, C.; LAYNE, M. J. Comorbidity, health screening, and quality of life among persons with a history of epilepsy. **Epilepsy & Behavior**, 2009; 14 (1), 125-129.

FATOVIC-FERENCIC, S.; DURRIGL, M. A. The sacred disease and its patron saint. **Epilepsy Behav**, 2001; 2: 370-373.

FERREIRA, S. L.; BARROSO, N. P.; CAVALCANTE, M. T. M.; FARIAS, R. M. S. Reflexões Sobre Ensino, Pesquisa e Extensão Universitária. **III Congresso Nacional de Educação**, 2016.

FISHER, R. S.; et al. Epileptic seizures and epilepsy: definitions proposed by the International League Against Epilepsy (ILAE) and the International Bureau for Epilepsy (IBE). **Epilepsia**, 2005; 46 (4): 470-2.

FONSECA, L.C.; TEDRUS, G. M. A. S.; COSTA, A. C. F.; LUCIANO, P. Q.; COSTA, K.C. Conhecimentos e atitudes sobre epilepsia entre universitários da área da saúde. **Arq Neuro-Psiquiatr**, 2004; 52 (4): 1068-1073.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**, 2002. 127f. Apostila. Centro de Educação, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2002.

GOMES, M. M. Epilepsia e incapacidade laborativa. **J Epilepsy Clin Neurophysiol**, 2009;15 (3): 130-134.

GUERREIRO, M. M.; COSTA, M. BELLOMO, M. A.; SABINO, H. S.; SILVA, A. S.; SCOTONI, E. A. Profilaxia Intermitente na Convulsão Febril com Diazepam Via Oral. **Arq Neuro-Psiquiatr**, 1992; 50 (2): 163-167.

HASSONA, Y.M.; MAHMOUD, A. A. A.; RYALAT, S. M.; SAWAIR, F.A. Dental students' knowledge and attitudes toward patients with epilepsy. **Epilepsy Behav**, 2014; 36: 2-5.

HONJOYA, M. M. B.; RIBEIRO, P. P. M. CRISE CONVULSIVA RELATO DE UM TREINAMENTO. **Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research**, 2017; 20 (1): 104-107.

LYONS, A. S.; PETRUCCELLI, R.J. **Medicine: an illustrated history**. New York: Abradale Press. 1987.

MAGIORKINIS, E.; SIDIROPOULOU, K.; DIAMANTIS, A. Hallmarks in the history of epilepsy: epilepsy in antiquity. **Epilepsy Behav**, 2010; 17: 103-108.

MAGIORKINIS, E.; SIDIROPOULOU, K.; DIAMANTIS, A. Hallmarks in the History of Epilepsy: From Antiquity Till the Twentieth Century. In: Foyaca-Sibat H, ed. **Novel Aspects on Epilepsy**: INTECH. Open Access Publisher. 2011; 131-156.

McNAMARA, J.O. Emerging insights into the genesis of epilepsy. **Nature**, 1999; 399: A15–A22.

MOREIRA, S. R. G. Epilepsia: concepção histórica, aspectos conceituais, diagnósticos e tratamento. **Mental**, Barcacena, 2004; 2 (3).

SIDIROPOULOU, K.; DIAMANTIS, A.; MAGIORKINIS, E. Hallmarks in 18th- and 19th-century epilepsy research. **Epilepsy Behav**, 2010. 18: 151-161.

STEINHOFF, B.J.; NEUSUSS, K.; THEGEDER, H.; REIMERS, C.D. Leisure time activity and physical fitness in patients with epilepsy. **Epilepsia**, 1996; 37: 1221-1227.

WEISZ G. The emergence of medical specialization in the nineteenth century. **Bull Hist Med**, 2003. 77: 536-575.

YACUBIAN E. **Epilepsia da antiguidade ao segundo milênio: saindo das sombras**. São Paulo: Lemos Editorial, 2000.